

XXXI COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



[Com/Con]tradições na História da Arte

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade Estadual de Campinas

Outubro 2011



Estabelecer-se ou perambular: os desafios dos artistas na Província de São Pedro

Neiva Maria Fonseca Bohns

Universidade Federal de Pelotas, RS

Resumo

Este texto visa discutir a presença de artistas na antiga Província de São Pedro, atual Rio Grande do Sul, durante o século XIX. O trabalho persistente de Frederico Trebbi (Roma, 1837 - Pelotas, 1928), a rápida passagem de Edoardo de Martino (Meta, 1838 - Londres, 1912), assim como as tentativas de fixação de Augusto Luiz de Freitas (Rio Grande, 1868 - Roma, 1962) constituem os principais focos de investigação deste trabalho. A participação destes indivíduos, em maior ou menor grau, na cena artística sulina, constitui interessante material de análise para a definição de métodos específicos de estudo na área de história da arte brasileira.

Palavras-chave: Historiografia da arte. Metodologia da pesquisa em história da arte. Arte no Brasil. História da Arte no Rio Grande do Sul

Abstract

This paper aims to discuss the presence of artists in the former Província de São Pedro, now Rio Grande do Sul, during the nineteenth century. The main focus of the study concerns the persistent work of Frederick Trebbi (Rome, 1837 - Pelotas, 1928), the swift passage of Edoardo de Martino (Meta, 1838 - London, 1912), together with attempts to stay by Luiz Augusto de Freitas (Rio Grande, 1868 - Rome, 1962). The greater or lesser participation of these individuals in the art scene of Southern Brazil provides interesting material for analysis in the definition of specific study methods for Brazilian art history.

Keywords: Historiography of art. Research methodology in art history. Art in Brazil. The History of Art in Rio Grande do Sul

Introdução

Este texto dá continuidade ao estudo sobre critérios, parâmetros e metodologias adotados na escrita da história da arte brasileira e visou discutir a presença de artistas plásticos na antiga Província de São Pedro, atual Rio Grande do Sul, durante o século XIX. Dentre os indivíduos mais atuantes estão aqueles nascidos nas cidades sulinas que não encontraram oportunidades de aprimorar seus dotes artísticos e de estudar sistematicamente no sul do país, como aconteceu com Augusto Luiz de Freitas (Rio Grande, 1868 - Roma, 1962). Contudo, vários artistas que trabalharam no sul, como foi o caso de Frederico Trebbi (Roma, 1837-Pelotas, 1928) tiveram passagens por grandes centros culturais europeus, especialmente Roma, Itália. Alguns, que circularam brevemente pelas cidades sulinas, inauguraram novas formas de apresentar obras de arte, como o fez Edoardo de Martino (Meta, 1838 - Londres, 1912), ao organizar, depois de sua passagem pela Guerra do Paraguai, exposições de marinhas que foram muito apreciadas pelo público sulino. O trânsito desses indivíduos entre diferentes lugares evidencia a existência de circulação de informações tanto sobre a produção artística tradicional quanto sobre tendências mais recentes. As ideias de que esses artistas foram portadores, as obras que realizaram em diferentes lugares, assim como a participação que tiveram na cena artística constituem importante material de análise para a definição de métodos específicos de estudo na área de história da arte brasileira. Os fatores de atração

dos artistas e suas formas de subsistência foram objetos de interesse desse estudo. Da mesma forma, serão discutidas neste texto as (possíveis) razões pelas quais os artistas decidiram se estabelecer em determinadas localidades ou se mantiveram em deslocamento, numa situação similar – embora não idêntica – a de outros artistas viajantes que percorreram as Américas.

No processo de escritura da história da arte produzida no Brasil em diferentes períodos, freqüentemente são excluídos os episódios ocorridos fora dos centros culturais tradicionalmente estabelecidos. Como consequência deste comportamento, tem-se a sensação de que nenhuma atividade artística minimamente interessante aconteceu nas cidades de pequeno e médio porte distantes dos principais núcleos de poder político e econômico do país. Ou então, os fenômenos não-centrais são tratados exclusivamente como produção regional, sem qualquer conexão com os eventos que serviram como fatos referenciais para a construção da narrativa histórica sobre os acontecimentos artísticos do Brasil. As características geográficas de um país de extenso território dificultam ainda mais o estabelecimento de nexos entre os acontecimentos relevantes para os estudos artísticos. No caso das regiões que fazem fronteira com outros países, há ainda similaridades culturais e artísticas que podem ser observadas em lados opostos dos marcos divisórios, caracterizando práticas transnacionais. Observe-se, por exemplo, o interesse que tanto o uruguaio Juan Manoel Blanes (Montevideu, 1830 - Pisa, 1901) como o brasileiro

Pedro Weingärtner (Porto Alegre, 1853-1929) demonstram pelo tema da representação dos “gauchos”.

Efetivamente, há que se considerar a falta de continuidade das ações artísticas como um fator limitador dos estudos nas regiões tidas como periféricas. Mesmo que, em função de circunstâncias históricas específicas, a presença de agentes artísticos num determinado momento, em certos lugares, possa significar uma alteração nos processos de produção e de apreciação artísticas, se não houver algum tipo de desdobramento seqüencial, o fenômeno se dissipará. Basta que o agente se desloque para outro lugar, levando suas obras, por razões diversas, e sua ação cessará de existir, praticamente sem deixar vestígios.

No caso dos artistas que se deslocaram pelo continente americano, carregando na bagagem as obras que iam produzindo, ou as que já tinham realizado, há pelo menos duas abordagens possíveis para os estudos histórico-artísticos: 1. a de considerar os possíveis efeitos da presença (ou da simples passagem) do artista nos diferentes lugares; 2. a de seguir as pistas do deslocamento do artista, observando as transformações supostamente sofridas na sua obra pelo contato com realidades totalmente diferentes. Vê-se que a primeira opção aponta para um interesse mais sociológico, por tratar das possíveis modificações sociais observadas tanto pela presença do artista num certo lugar, como pelo interesse a respeito das conseqüências do contato do público com a sua obra. Já a segunda opção tem como foco de interesse a produção artística em si, independentemente do(s) local(is) onde a obra tenha sido produzida. Neste último

caso, é comum que o(s) local(is) de produção das obras não coincidam com o local de apresentação pública do trabalho e de obtenção do reconhecimento dos valores artísticos (e econômicos) por parte dos comentadores e julgadores mais habilitados para tal. Quanto aos artistas que se radicaram durante vasto período em lugares periféricos, o impacto das suas atuações e as conseqüências do contato do público com suas obras são mais facilmente identificáveis e analisáveis. Neste trabalho, a posição adotada foi a de observar os efeitos da presença de certos artistas nas cidades do sul do Brasil.

1. Artistas em deslocamento

Durante o século XIX, a Província de São Pedro, atual Rio Grande do Sul, localizada no extremo sul do Brasil, atraiu o interesse de vários artistas estrangeiros, especialmente pintores. Normalmente, para os artistas, o território sulino servia como rota de passagem em direção a centros maiores, onde seria possível encontrar clientela para o tipo de trabalho que esses profissionais estavam aptos a oferecer. Alguns deles, que passaram pelas cidades do sul do país, embora tenham exibido seus trabalhos em exposições bem freqüentadas, não encontraram público interessado em adquirir obras de arte. Precisaram seguir em frente, passando de cidade em cidade, na expectativa de encontrar melhor receptividade.

Certos acontecimentos políticos latino-americanos provocaram alterações na produção artística observada

em localidades do interior da Província de São Pedro. Circunstâncias ligadas à Guerra do Paraguai, por exemplo, atraíram para o sul da América Latina indivíduos aptos a registrar, através de desenhos e pinturas, cenas de conflitos e batalhas. Nesta época a fotografia já podia ser empregada,¹ mas dificuldades técnicas ainda impediam a atuação mais eficiente dos fotógrafos-repórteres. Outras atividades úteis tanto na paz quanto na guerra, como as desenvolvidas por cartógrafos e topógrafos, também se faziam necessárias. Assim, vários artistas e técnicos estrangeiros de espírito aventureiro migraram para o sul do continente latino-americano, e tiveram participação nos eventos ligados à guerra. Alguns deles atingiram a porção meridional do território brasileiro.

2. Dois artistas italianos no sul do Brasil

O artista e comerciante italiano Frederico Trebbi (Roma, 1837- Pelotas, 1928), que veio para a América Latina aparentemente atraído pela Guerra do Paraguai, depois de abandonar o campo de batalha e ingressar no sul do Brasil, radicou-se na cidade de Pelotas. A respeito de Frederico Trebbi informa-nos Athos Damasceno:

Diplomado em Roma e radicado no Rio Grande do Sul desde 1870, Trebbi gozava de muito conceito profissional e social em Pelotas, onde lecionava desenho e pintura, contribuindo de modo decisivo para o aprimoramento ali do gosto pelas belas-artes e estimulando vocações

¹ De acordo com Athos Damasceno, no texto "Fotógrafos em Porto Alegre no século XIX", em 1852 já estava fixado na cidade de Rio Grande o fotógrafo Roberto Offer, que anunciava seus serviços para "tirar retratos sobre papel, vidro e prata pura". Cf. FERREIRA, Athos Damasceno. Colóquios com a minha cidade. Porto Alegre: Editora Globo; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1974. p.04

que, com o tempo viriam a firmar destacado nome, como foi o caso de [Leopoldo] Gotuzzo, um de seus discípulos naquela cidade. Espírito culto, apurado senso estético servido de escola séria, Trebbi logrou realizar algumas obras de apreciável qualidade e pode, entre nós, salientar-se tanto como artista, quanto e sobretudo, como mestre portador de ponderáveis recursos para a difícil tarefa do magistério (...)²

Além de formar uma família brasileira, e de atuar como importante agente cultural na cidade, Trebbi instalou um ateliê e ensinou desenho e pintura para dezenas de estudantes por cerca de cinquenta anos. Por um curto período, tentou estabelecer-se na cidade de Porto Alegre, trabalhando, como pintor de retratos a óleo no atelier fotográfico de Jacintho Ferrari.³ Mas logo retornou à Pelotas, dando continuidade ao trabalho que já desenvolvia. Sua adaptação ao sul do Brasil, e o fato de não ter procurado centros maiores (como Buenos Aires, Montevideu ou Rio de Janeiro) para desenvolver seu trabalho com mais segurança surpreende aqueles que se interessam pelo estudo de sua obra. Exímio retratista que era, Frederico Trebbi certamente teria chamado a atenção, em centros artísticos mais desenvolvidos, de públicos habituados ao trabalho pictórico de alto nível. **[Figura 1]**

O tratamento que soube dar às fisionomias de seus retratados, assim como aos detalhes das vestimentas, das condecorações e das jóias, testemunham sua grande habilidade para a pintura. As razões pelas quais não produziu, em maior quantidade, obras pictóricas mais variadas, podem estar relacionadas com o tipo de demanda que satisfazia o público sulino: retratos, nada mais do que retratos.

2 Vide FERREIRA, Athon Damasceno. Artes plásticas no Rio Grande do Sul: 1755-1900: contribuição para o estudo do processo cultural sul-riograndense. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 189.

3 Cf. Op cit., p. 224.

Quando chegou à cidade de Pelotas, Frederico Trebbi já era um artista consumado. A qualidade de sua pintura atesta que não era um artista amador, e que tinha profundo conhecimento dos recursos pictóricos aplicados ao retratismo. Os habitantes da cidade, portanto, conviveram com um artista bastante experiente, que tivera contato com obras seminais da arte italiana. É de se supor que seus alunos tenham ouvido seus comentários a respeito de obras existentes em Roma, sua cidade natal. O fato de o artista ter instalado na cidade um ateliê de pintura onde ministrava aulas para seus alunos nos ajuda a compreender melhor as estratégias de sobrevivência dos artistas fora dos grandes centros, embora não justifique a decisão de retirar-se dos ambientes onde seu trabalho poderia obter o reconhecimento devido.

Outro caso interessante que envolve a presença de um artista italiano no sul do Brasil é o do pintor de marinhas Edoardo de Martino (Meta, 1838 - Londres, 1912).⁴ Além de bom pintor, este ex-oficial da Real Armada Italiana tinha perfeito conhecimento do aparelhamento náutico, o que o habilitava a realizar obras muito detalhistas. Em 1867, depois de ter participado de alguns episódios da Guerra do Paraguai, como as batalhas de Curuzu e Humaitá, pintara várias telas que tinham como tema a marinha brasileira. Em meados de 1868 visitou o Rio de Janeiro, onde suas pinturas foram apresentadas ao público, com grande sucesso. Consta que o Imperador brasileiro passava horas apreciando suas telas. Edoardo de Martino desembarcou em Porto Alegre

4 Cf. Op cit., p. 105-106.



Figura 1 - Frederico Trebbi (1837 - 1928)
Barão de Jarau (Joaquim José de Assumpção), 1909
Óleo sobre tela

em 1869, para uma curta estadia, mas retirou-se em abril 1870, bastante insatisfeito com os resultados obtidos nas fracassadas tentativas de comercialização de suas obras. **[Figura 2]**

Pela trajetória percorrida por Edoardo de Martino, que finalmente encontraria no Reino Unido o lugar mais adequado para desenvolver seu trabalho, é compreensível que não tenha se interessado em estabelecer-se em localidades pequenas, no território brasileiro, onde, por falta de público consumidor de arte, só lhe restaria ensinar pintura a alguns poucos interessados (especialmente moças pertencentes às famílias burguesas, que necessitavam completar sua formação cultural para estarem aptas a ser boas esposas e mães). Por outro lado, o tipo de pintura em que De Martino se especializou necessitava do contato com os mares. Fixar-se em terras distantes seria uma opção fatal para a carreira de um artista cuja obra era bem apreciada nas grandes metrópoles. Mesmo assim, sua passagem pelas cidades menores, e as conseqüências da exposição de suas obras a um público pouco versado em pintura não podem ser ignoradas.



Figura 2 - Edoardo de Martino (1838 - 1912)
Óleo sobre tela

2. Migrar era preciso

Outro caso interessante para o estudo da atividade artística deste período é o do brasileiro Augusto Luiz de Freitas (Rio Grande, 1868 - Roma, 1962). Nascido na mais antiga cidade da Província de São Pedro, ainda menino transferiu-se com a família para a cidade do Porto, em Portugal, e a partir do doze anos ingressou na Academia Portuense de Belas Artes, estudando desenho histórico, escultura e arquitetura. Em 1893, depois do falecimento dos pais, retornaria ao Rio Grande do Sul, radicando-se em Porto Alegre. Logo, contudo, dirigiu-se ao Rio de Janeiro, onde se matriculou na Escola Nacional de Belas Artes, tornando-se discípulo de Henrique Bernardelli. **[Figura 3]**



Figura 3 - Augusto Luiz de Freitas (1868 - 1962)
Chegada dos casais açorianos, 1923
Óleo sobre tela

No Salão de 1898 da Escola Nacional de Belas Artes, o artista obteria o desejado prêmio de viagem à Europa. Acabaria por se transferir para Roma, retornando ao Brasil apenas esporadicamente. Durante um período de um ano e meio, entre 1917 e 1918, lecionou no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre.⁵

É fato mais do que comprovado que os aspirantes a artistas, nascidos no sul Brasil, enfrentaram inúmeros desafios para sobreviver no sul do Brasil com os recursos oriundos do trabalho artístico.⁶ As razões da não-fixação de Augusto Luiz de Freitas no sul do Brasil parecem claras: em primeiro lugar, o artista, como muitos de seus contemporâneos, sentia necessidade de conhecer com mais profundidade a cultura artística tanto brasileira quanto européia para enriquecer seus conhecimentos. Em segundo lugar, precisava encontrar meios de subsistência. Era fundamental residir num lugar onde seu trabalho pudesse ter boa aceitação por parte do público. Nenhum desses quesitos Augusto Luiz de Freitas encontrou no sul do Brasil. Só havia uma saída: retirar-se em busca de ambientes mais propícios ao trabalho artístico.

Apesar das semelhanças observadas e da dificuldade de comercialização de obras de arte no período estudado, a heterogeneidade que caracteriza a produção artística sul-brasileira do século XIX obriga-nos a pensar em processos simultâneos, não exclusivamente orientados pelo principal

5 Cf. Op Cit., p. 364 e 368.

6 Vide BOHNS, Neiva Maria Fonseca. Continente Improvável: Artes Visuais no Rio Grande do Sul do final do século XIX a meados do século XX. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Instituto de Artes/ Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2005. 383 p. Tese (Doutorado) UFRGS. IA. PPGAV

centro de produção artística brasileira da época, o Rio de Janeiro. Nos casos apresentados e discutidos neste texto, os artistas italianos que tiveram contato com as cidades do sul do Brasil ou ali se estabeleceram traziam suas referências artísticas de outros lugares. O artista brasileiro aqui citado precisou radicar-se na Itália para poder dar seguimento à sua carreira., embora tenha realizado parte de sua formação artística no Rio de Janeiro.

Assim, parece evidente que as metodologias, parâmetros e critérios adotados no estudo da arte produzida no Brasil precisam levar em consideração fatores históricos que não se ligam necessariamente aos acontecimentos culturais brasileiros considerados principais, narrados sob o ponto de vista de uma historiografia centralizadora. No caso dos fatos ocorridos na Província de São Pedro, há que se considerar as especificidades dos diferentes processos que envolvem a presença de artistas, em períodos variados, assim como o desempenho que tiveram nos lugares onde se estabeleceram, ou por onde passaram. Processos permeados por relações políticas, econômicas e culturais que acabaram por inaugurar outras tradições, ainda não suficientemente conhecidas, podem trazer informações relevantes para a escritura de uma história da arte brasileira que respeite a diversidade e a pluralidade dos fenômenos que envolvem a produção artística num país de dimensões continentais.

Referências Bibliográficas:

BOHNS, Neiva Maria Fonseca. *Continente Improvável: Artes Visuais no Rio Grande do Sul do final do século XIX a meados do século XX*. Porto Alegre:

- Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Instituto de Artes/ Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2005. 383 p. Tese (Doutorado) UFRGS. IA. PPGAV BULHÕES, Maria Amélia (Org.). Artes plásticas no Rio Grande do Sul: pesquisas recentes. Porto Alegre: UFRGS, 1995. 200 p. (Visualidade, v. 2).
- GOMES, Paulo (org); TREVISAN, Armindo; GASTAL, Susana; KERN, Maria Lúcia Bastos; RAMOS, Paula; BOHNS, Neiva Maria; BULHÕES, Maria Amélia; BRITES, Blanca; CARVALHO, Ana Maria. Artes plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica. Porto Alegre: Lahtu Sansu, 2007, 228 p.
- ALVES, José Francisco. Escultura pública em Porto Alegre: história, contexto e significado. Porto Alegre: Artfolio, 2004.
- AVANCINI, José Augusto; GARCIA, Maria Amélia Bulhões (Curadoria). Artistas professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: obras do acervo da Pinacoteca Barão de Santo Angelo do Instituto de Artes. Porto Alegre: UFRGS/ Museu da UFRGS, 2002.
- CATÁLOGO da Exposição Brasileira-Allema em Porto Alegre. Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Typographia da *Deutsche Zeitung*, 1881.
- CESAR, Guilhermino; GUIDO, Angelo. Araújo Porto Alegre: dois estudos. Porto Alegre: SEC, 1957.
- CHAVES, Antônio José Gonçalves Chaves. Memórias econômico-políticas sobre a administração pública do Brasil. 4ª edição. São Leopoldo, RS, Editora Unisinos, 2004. 270p.
- ENCICLOPÉDIA Rio Grandense. Porto Alegre: Sulina, 1957. Vol. 2.
- ENCICLOPÉDIA Rio Grandense. Porto Alegre: Sulina, 1968. Vol. 3.
- FERREIRA, Athos Damasceno. Artes plásticas no Rio Grande do Sul: 1755-1900: contribuição para o estudo do processo cultural sul-riograndense. Porto Alegre: Globo, 1971. 520 p.
- FERREIRA, Athos Damasceno. Colóquios com a minha cidade. Porto Alegre: Editora Globo; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1974. 203 p.
- FERREIRA, Athos Damasceno. Imprensa Caricata do Rio Grande do Sul no Século XIX, Porto Alegre: Editora Globo, 1962. 232 p. Coleção Província.
- FERREIRA, Athos Damasceno. Imprensa Literária do Rio Grande do Sul no Século XIX. Porto Alegre: UFRGS, 1975.
- FREITAS, Décio. O nascimento da historiografia gaúcha. In: PINHEIRO, José Feliciano Fernandes (Visconde de São Leopoldo). Anais da Província de São Pedro. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. 250p.
- GASTAL, Suzana de Araújo. Imagens e identidade visual: a sistematização formal e temática da pintura em Porto Alegre, 1891-1930. 1994. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.
- GUIDO, Angelo. Aspectos do Barroco. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1967.
- GUIDO, Angelo. Forma e expressão na História da Arte. Porto Alegre: Imprensa Oficial, Estado do Rio Grande do Sul, 1938. 59 p. Tese de concurso para professor catedrático de História da Arte do Instituto de Belas Artes da Universidade de Porto Alegre.
- GUIDO, Angelo. Os grandes ciclos da arte ocidental. São Leopoldo: Faculdade de Direito Rio dos Sinos, 1968.
- GUIDO, Angelo. Pedro Weingärtner. Porto Alegre: Secretaria de Educação e

Cultura, Divisão de Cultura e Diretoria de Artes, 1956.

KERN, Maria Lúcia Bastos. Les origines de la peinture “moderniste” au Rio Grande do Sul-Bresil.1981. 434 f. Tese (Doutorado) - Université de Paris I - Panthéon - Sorbonne, Paris, 1981.

KRAWSCZYK, Flávio. O Espetáculo da legitimidade. *Os Salões de artes Plásticas em Porto Alegre – 1875/ 1995*. Porto Alegre, 1997, 416 p. [Dissertação - UFRGS].

LINDNER, Cláudia. Do passado ao presente: as artes plásticas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Cambona Centro de Arte, 1983. Catálogo.

PINHEIRO, José Feliciano Fernandes (Visconde de São Leopoldo). Anais da Província de São Pedro. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. 250p.

SIMON, Círio. Origens do Instituto de Artes da UFRGS: etapas entre 1908-1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia no sistema das artes visuais no Rio Grande do Sul. 2002. 561 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

SIMON, Círio. Pontos de evolução das artes visuais no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: [s.n.], 1991. Texto datilografado.

SQUEFF, Letícia. O Brasil nas letras de um pintor: Manuel de Araújo Porto Alegre: 1806-1879. Campinas: Unicamp, 2004.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. Nos descaminhos do imaginário. *A tradição acadêmica nas artes plásticas de Pelotas*. Dissertação, UFRGS, 1996.

MUSEU de Arte Leopoldo Gotuzzo. L.Gotuzzo. Exposições comemorativas ao centenário de seu nascimento, 1887-1987. Porto Alegre/ Pelotas: Secretaria do Estado da Educação e da Cultura/ Universidade Federal de Pelotas, 1987. Catálogo.

NASCIMENTO, Heloisa Assumpção. A pintura em Pelotas no século XIX: contribuição para a história das artes plásticas no Rio Grande do Sul. Pelotas: Oficinas Gráficas do Instituto de Menores de Pelotas, 1962.

PEDROSO, Franklin (Ed.). *Iberé Camargo*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1994. 84 p. Catálogo.

SILVA, Ursula Rosa da.; LORETO, Mari Lúcie. História da Arte em Pelotas. A pintura de 1870 a 1980. Pelotas: EDUCAT, 1997.

